

3

CARACTERIZAÇÃO DE ASPECTO

Neste capítulo, apresentamos uma caracterização de aspecto a partir de dois pontos de vista: o da lingüística descritiva (3.1) e o da teoria lingüística aqui tomada como referência (3.2).

3.1 ASPECTO DO PONTO DE VISTA DA LINGÜÍSTICA DESCRITIVA

Segundo Comrie (1976), o aspecto se define em função dos diferentes modos de observar a constituição temporal interna de uma situação. A expressão “constituição temporal interna” para definir aspecto pode ser compreendida em termos da oposição proposta entre “tempo interno da situação” e “tempo externo da situação”. Para Comrie (*op. cit.*), o “tempo interno da situação” diz respeito a Aspecto, ao passo que o “tempo externo” se refere a Tempo¹.

O termo aspecto pode se referir a traços de naturezas bastante diversas. O aspecto lexical, nomeado aspecto semântico por Comrie (*op. cit.*), refere-se às propriedades aspectuais inerentes às raízes verbais e a outros itens lexicais empregados pelo enunciador para descrever uma dada situação². As distinções aspectuais relativas a essa categoria não seriam codificadas por meio de marcas gramaticais visíveis.

Já o aspecto gramatical refere-se às distinções aspectuais que são marcadas explicitamente na morfologia, normalmente por auxiliares e/ou morfemas flexionais e derivacionais, podendo ser dependente da referência

¹ Essa distinção entre “tempo externo da situação” e “tempo interno da situação” será desenvolvida na seção 3.2. Por ora, tempo externo pode ser tomado como o modo de segmentar estados e eventos em função do tempo (passado, presente e futuro), ao passo que tempo interno pode ser compreendido em função da divisão desses estados e eventos como em andamento ou completos (cf. Introdução).

² De acordo com Comrie (1976), o aspecto semântico – aspecto lexical, para nós – realiza-se independentemente do tempo de referência e de qualquer marca morfológica. Essa questão é, contudo, controversa, na medida em que alguns pesquisadores sugerem que há certa interdependência entre aspecto lexical e alguns afixos que codificam distinções que dizem respeito a aspecto gramatical, conforme será visto em seções posteriores.

temporal. O aspecto progressivo em inglês e a distinção aspectual perfectivo/imperfectivo no português³ são exemplos de aspecto gramatical.

Outras distinções foram propostas para o termo aspecto. Smith (1983), por exemplo, define a seleção de marcas aspectuais como um processo que incorpora dois níveis distintos, independentes entre si: *situation aspect*, o qual diz respeito ao modo como os humanos percebem e categorizam as situações; e *viewpoint aspect*, o qual se refere à visão parcial ou total de um *situation aspect* específico, explicitada por meio de um morfema gramatical visível. Smith (*op. cit.*) defende que as categorias aspectuais – aquilo que é entendido por Comrie (*op. cit.*) como classes referentes a aspecto semântico – não dependem da língua, uma vez que são baseadas nas habilidades cognitivas humanas. Dentro desse quadro, aspecto pode ser caracterizado como um fenômeno cognitivo geral – no caso do *situation aspect* – ou como um fenômeno dependente da língua – *viewpoint aspect*.

Grosso modo, é possível afirmar que há uma correspondência entre o aspecto semântico de Comrie (*op. cit.*) e o *situation aspect* de Smith (*op. cit.*), por um lado, e o aspecto gramatical e o *viewpoint aspect*, por outro.

Em um estudo dedicado ao aspecto verbal no PB, Travaglia (1994) retoma Comrie (*op. cit.*) ao definir Tempo⁴ como uma categoria dêitica, pois estabelece a localização no tempo, tomando como ponto de referência básico o falante, e Aspecto como uma categoria não-dêitica, visto que seu significado não remete ao momento da enunciação.

Essa diferença entre Tempo e Aspecto pode ser claramente visualizada quando se observam os exemplos abaixo:

- (1) Viajei muito.
- (2) Estive viajando por muito tempo.

³ No caso de muitas línguas (dentre as quais está o português), uma mesma marca morfológica pode codificar tanto valores temporais quanto aspectuais. É exatamente o que acontece com as desinências de dois dos pretéritos do português, o perfeito e o imperfeito.

⁴ Para Travaglia (1994) “tanto tempo quanto aspecto são categorias de TEMPO” (p. 43). Embora, concordemos com o autor, ressaltamos aqui a diferença terminológica por nós adotada, retomando o conteúdo das notas 2 e 3, de acordo com as quais empregamos “Tempo” e “Aspecto” para fazer referência às categorias lingüísticas que codificam, respectivamente, as idéias gerais e abstratas de tempo e aspecto, presentes nas línguas. Dessa maneira, o que para Travaglia (*op. cit.*) é “tempo” e “aspecto” para nós está sendo representado como “Tempo” e “Aspecto”, respectivamente, ao passo que o autor nomeia como “TEMPO” está sendo tratado por nós como “tempo”.

Em (1), o evento de *viajar* recebe um tratamento ancorado na dêixis, já que o falante deixa claro que a ação descrita ocorreu antes do momento no qual ele está situado temporalmente. Em (2), há uma referência ao tempo em que a ação de *viajar* ocorreu em relação ao momento da fala (expressão da categoria de Tempo), mas também se faz referência ao desenvolvimento da ação. O falante chama a atenção para o tempo interno ao fato⁵, tratando esse fato como passível de conter frações de tempo dentro de seus limites.

Alguns autores apresentam ainda uma terceira categoria aspectual: o Aktionsart. Assim como ocorre com o aspecto gramatical, as distinções aspectuais relacionadas a esse tipo de aspecto seriam realizadas por marcas morfológicas visíveis. De acordo com Klein (1994), essa categoria é representada por modificações secundárias nos significados básicos dos verbos. Sua realização dar-se-ia por meio do emprego de afixos e de perífrases. Binnick (1991) menciona que, no inglês, por exemplo, alguns predicados podem apresentar variação aspectual por meio do emprego de preposições que não alteram a forma do verbo – “*eat up*”, “*read through*”, etc. Com relação às línguas românicas, apenas o espanhol dispõe dessa categoria aspectual. Nishida (1994) cita a presença de uma partícula tética “*se*”, no espanhol, responsável por modificar o significado básico do verbo, fazendo-o por meio de marca morfológica. Salaberry & Ayoun (2005) exemplificam essa ocorrência no espanhol apresentando duas estruturas que, apesar da semelhança, apresentam distinções aspectuais entre si: “*Juan tomó una copa de vino antes de acostarse*” e “*Juan se tomó una copa di vino antes de acostarse*”. De acordo com Salaberry & Ayoun (*op. cit.*), o conteúdo do copo não foi necessariamente esgotado no primeiro caso, enquanto que, no segundo, a partícula *se* impõe a leitura de que não tenha sobrado nada dentro do copo.

No que diz respeito ao português, a proposição de uma tal categoria gramatical não se justifica. A esse respeito configura-se um quadro teórico nem sempre muito claro, na medida em que a palavra Aktionsart é empregada algumas vezes como sinônimo de aspecto lexical⁶. Em nosso trabalho, evitaremos o emprego do termo Aktionsart como uma possível alternativa para nomear aspecto

⁵ Aquilo que Comrie (*op. cit.*) definiu como “tempo interno da situação”.

⁶ Esse é o caso de Li & Shirai (2000), para os quais Aktionsart é uma categoria aspectual definida em função de propriedades semânticas de raízes verbais.

lexical por entendermos não se tratarem de realidades aspectuais de mesma natureza.

3.1.1 ASPECTO LEXICAL

Nesta seção, apresentamos o aspecto lexical, nomeado aspecto semântico por Comrie (*op. cit.*). A divisão de verbos e predicados em categorias de aspecto lexical, conforme ver-se-á adiante, estrutura-se em função de certos traços semânticos inerentes às raízes verbais, ou tomados composicionalmente quando se consideram as raízes verbais e argumentos e/ou adjuntos (cf. Verkuyl, 1972, 1999; Dowty, 1979; Smith, 1997).

Vendler (1957) propôs um modelo que divide aspecto lexical em quatro categorias semânticas: **states** – doravante estados – (“acreditar”, “amar”, “querer”), **activities** – doravante atividades – (“caminhar”, “correr”, “nadar”), **accomplishments** (“ler um livro”, “construir uma casa”, “fazer um bolo”) e **achievements** (“cair”, “começar”, “encontrar”).

Smith (1991) inclui uma quinta classe, a dos **semelfactivos**, a qual apresenta eventos instantâneos e que não apresentam um ponto de encerramento pré-estabelecido, ou eventos instantâneos e atélicos, como será visto a seguir (“soluçar”, “tossir”, “bater à porta”).

A tentativa de formular uma relação rigorosa de verbos para cada uma dessas categorias de aspecto lexical, entretanto, não se mostra possível, uma vez que um mesmo verbo pode admitir diferentes leituras aspectuais dependendo do predicado como um todo⁷. Nesse sentido, o verbo “correr”, por exemplo, poderia ser classificado como atividade – “*Pedro corre com bastante frequência*” – ou como *accomplishment* – “*Pedro correu a maratona estadual*”⁸.

O modelo de classificação adotado por Vendler (1957) e expandido por Smith (1991) considera que haja três pares básicos de valores para o aspecto

⁷ Verkuyl (1972, 1999), Dowty (1979), e Smith (1997) defendem que o aspecto lexical é formado a partir da semântica do predicado verbal, incluindo as contribuições semânticas dos argumentos internos, externos e dos adjuntos.

⁸ Essa questão parece ter sido antevista pelo próprio Vendler (*op. cit.*), o qual, embora não tenha formalizado suficientemente as relações composicionais a serem levadas em conta para a classificação de um predicado em categorias relativas a aspecto lexical, emprega os exemplos “correr” e “correr uma milha”, o primeiro como exemplo de atividade e o último como exemplo de *accomplishment*.

lexical: estaticidade X dinamicidade, que diz respeito à possibilidade de um predicado descrever, respectivamente, um estado que não se altera no período de tempo ou uma sucessão de estados ou estágios de um processo, que transcorre no tempo; telicidade X atelicidade, relativo à possibilidade de um predicado apresentar, respectivamente, um fim predeterminado ou não; e pontualidade X duratividade, concernente à possibilidade de um predicado apresentar um evento que não se prolonga no tempo, no primeiro caso, ou, contrariamente, um evento ou estado que se prolonga por um determinado período de tempo.

3.1.1.1 PARES BÁSICOS

A seguir, cada um desses pares serão pormenorizados.

3.1.1.1.1 ESTATIVIDADE X DINAMICIDADE

De acordo com Smith (1991), as situações podem pertencer a duas classes de fenômenos: estados e eventos. Os primeiros são estáticos no sentido de que são homogêneos, enquanto que estes últimos são dinâmicos, já que se constituem por estágios diferentes, envolvendo dinamicidade e mudança. Os exemplos abaixo explicitam essa oposição:

(3) O rapaz *tem* grande admiração por seu pai.

(4) A menina *desenhou* uma figura na parede.

Pode-se dizer que, em (3), “ter admiração” pressupõe permanência, ao passo que, em (4), “desenhar uma figura” constitui-se por estágios diferentes entre si. Não se pode afirmar que “o rapaz” sempre terá admiração por seu pai, mas, enquanto essa admiração durar, ela será constante, não passível de mudança.

3.1.1.1.2 TELICIDADE X ATELICIDADE

A atelicidade pode ser observada em todos os estados e nos eventos⁹ que não apresentam um fim bem definido, ao passo que a telicidade se caracteriza nos eventos em que um processo evolui até um ponto além do qual não poderá ter prosseguimento. A distinção entre tético e atélico pode ser difícil de se realizar em algumas sentenças, conforme será observado nos exemplos abaixo:

- (5) A menina *está cantando*.
- (6) A menina *está cantando uma música*.

O predicado em (6) pressupõe necessariamente que haja um clímax, isto é, um ponto em que a ação de “cantar uma música” chega a seu fim natural; ao passo que em (5), a ação de “cantar” não precisa ter um ponto de encerramento natural. Obviamente, “a menina” não cantará para sempre, mas é fato que o evento de “parar de cantar” não está previsto em (5), embora o esteja em (6), uma vez que toda e qualquer música tem seu fim já estabelecido. Quando um predicado se refere a uma situação com ponto de encerramento inerente, como em (6), diz-se que é um predicado tético ou que contém um traço [+ tético]. Por outro lado, predicados como o de (5) são considerados atélicos ou formados por um traço [- tético].

3.1.1.1.3 PONTUALIDADE X DURATIVIDADE

Duratividade e pontualidade se referem à presença ou ausência de intervalos internos. Estados, atividades e *accomplishments* denotam situações durativas (ou não-pontuais), isto é, situações que se prolongam por um determinado período de tempo, enquanto que *achievements* e semelfactivos se referem a situações pontuais, ou seja, situações que ocorrem instantaneamente. De acordo com Travaglia (1994), é possível que se argumente que situações pontuais de fato não existam, na medida em que qualquer situação tem uma duração por menor que seja. Se pensarmos, por exemplo, no verbo “cair”, assumido como [+pontual], entenderemos uma tal argumentação, pois a trajetória

⁹ Manteremos aqui a distinção proposta por Smith (1991), de acordo com a qual situações podem pertencer às categorias de estados ou eventos.

de queda pode ser percebida como tendo uma certa duração. Travaglia (*op. cit.*), no entanto, assume que o que importa não é a medida de tempo em termos absolutos, mas o sentimento lingüístico do falante, o qual concebe a situação como pontual.

3.1.1.2 AS CINCO CATEGORIAS DE ASPECTO LEXICAL

A seguir, as quatro categorias semânticas de aspecto lexical propostas por Vendler (1957) e a quinta categoria acrescida por Smith (1991) serão descritas de maneira mais detalhada.

3.1.1.2.1 ESTADOS

Esta categoria aspectual inclui verbos que descrevem situações que, nos termos de Smith (1991), não podem ser classificadas como eventos, uma vez que prescindem de dinâmica interna. Essas situações apresentam duração indefinida e não necessariamente apresentam um ponto final.

De acordo com Vendler (1957), além de todas as qualidades (“ser casado”, “estar doente”) e das operações imanentes da filosofia tradicional (“desejar”, “conhecer”), essa classe engloba também hábitos, ocupações, e habilidades (“ser pontual”, “ser deputado”, “ser talentoso”, respectivamente).

Os predicados que contêm um verbo dessa categoria são caracterizados por uma homogeneidade interna. Isso quer dizer que qualquer parte interna de um estado compartilha as mesmas características com qualquer outra parte desse mesmo estado, como também com a situação como um todo.

3.1.1.2.2 ATIVIDADES

Predicados com verbos dessa natureza descrevem processos que envolvem algum tipo de atividade física ou mental. Atividades como “nadar”, “andar de bicicleta”, “ler o jornal” transcorrem sobre períodos de tempo delimitados. Diferentemente dos estados, estes predicados são dinâmicos e requerem algum tipo de força para que continuem a acontecer.

Da mesma maneira que os predicados de estado, os verbos de atividade também descrevem eventos homogêneos. Isso quer dizer que qualquer parte específica do processo é parecida com qualquer outra parte, bem como com o evento inteiro. Essa homogeneidade pode ser observada a partir da análise do exemplo abaixo.

(7) O menino andou de bicicleta.

É possível afirmar que os movimentos do menino durante o intervalo em que essa ação transcorreu – mover a perna direita e logo em seguida a esquerda – são considerados como partes internas de um evento maior, qual seja, “andar de bicicleta”.

Atividades são eventos atéticos, ou seja, eventos que não estabelecem a *priori* um ponto de término claro, embora seja possível supor que haja um ponto final.

3.1.1.2.3 ACCOMPLISHMENTS

De acordo com Vendler (1957), *accomplishments* são processos compostos por estágios sucessivos e que apresentam duração intrínseca, isto é, são durativos e téticos. Para Smith (1991), um *accomplishment* envolve todos os estágios internos particulares, assim como a completude desse evento. Observemos o exemplo abaixo.

(8) O operário construiu uma casa no ano passado.

Conforme o que propôs Smith (*op. cit.*), esse predicado prevê todos os estágios internos pelos quais o operário passou durante o processo de construção da referida casa, incluindo o último estágio, aquele que constitui o encerramento da construção.

Diferentemente do que ocorre com estados e atividades, os predicados de *accomplishment* não descrevem eventos homogêneos. Ao contrário, os diversos estágios internos sucessivos de um evento dessa natureza são diferentes entre si. Da mesma maneira, o ponto de encerramento de um tal evento também se

diferencia essencialmente dos estágios precedentes, uma vez que o resultado de um *accomplishment* consiste em uma nova condição¹⁰.

Smith (*op. cit.*) ainda chama a nossa atenção para aquilo que nomeia relação causal entre processo e resultado, o que permitiria distinguir *accomplishment* de atividade. Nesse sentido, se o resultado de um *accomplishment* é alcançado, isso significa que o processo ocorreu, mas, se um processo ocorre, não é possível inferir seu resultado. Os exemplos abaixo são bastante esclarecedores a esse respeito:

(9) O professor escreveu um livro mês passado. (*accomplishment*)

(10) O professor estava escrevendo um livro mês passado. (atividade)

Em qualquer situação em que (9) seja verdadeiro, (10) também o será. Entretanto, o oposto não se observa, uma vez que ainda que seja verdadeiro que “o professor estava escrevendo um livro mês passado”, isso não é suficiente para supor que ele tenha terminado de escrever o tal livro.

3.1.1.2.4 ACHIEVEMENTS

Ainda que se argumente que *accomplishments* e *achievements* deveriam ser compreendidos como uma única categoria, em função de serem ambos télicos, essas categorias são diferentes entre si no que diz respeito ao traço de *pontualidade*, na medida em que *achievements* são eventos pontuais e *accomplishments* são durativos.

Também a relação causal entre processo e resultado – acima mencionada – não se estabelece aqui de maneira semelhante ao que ocorre com os *accomplishments*. Predicados de *achievement* também apresentam resultado de mudanças de estado, embora, contrariamente aos de *accomplishment*, refiram-se ao início ou ao clímax de um evento, em vez de se referirem à situação como um todo. *Achievements* são instantâneos e pontuais e, dessa maneira, os estágios preliminares que podem preceder o processo apresentado por um verbo dessa natureza são concebidos independentemente. É exatamente esse traço de

¹⁰ No caso de “construir uma casa”, essa nova condição seria a existência da casa enquanto tal, estando essa casa em condição de funcionar plenamente.

pontualidade que os torna incompatíveis com advérbios ou expressões adverbiais que expressam duração, conforme nos mostram os exemplos abaixo.

(11) *O ladrão *atingiu* o dono da loja com uma faca *em uma hora*.

(Scher, 2002)

(12) *A bomba *estourou por um dia*.

3.1.1.2.5 SEMELFACTIVOS

Smith (1991) inclui uma quinta classe para os eventos expressos pelas sentenças das línguas naturais, a dos semelfactivos¹¹. Estes seriam eventos que consistem de um único estágio (pontuais) e que não têm resultado ou consequência pré-estabelecidos (atéticos) (Scher, 2002). As frases (13) e (14) exemplificam essa classe.

(13) O bebê *arrotou* e dormiu.

(14) O aluno *tossiu* porque ficou nervoso.

3.1.1.3 A UNIVERSALIDADE DO ASPECTO LEXICAL

Muitos autores assumem que as categorias de aspecto lexical apresentadas nas seções anteriores dão conta de todos os estados e eventos encontrados nas línguas humanas. Apesar de haver propostas que defendem a universalidade das categorias aspectuais, não se pode deixar de notar que há variações entre as línguas. Embora proponha que *situation aspect* – as classes relativas a aspecto lexical – se baseie nas habilidades cognitivas humanas, e, portanto, que independa de uma língua ou de outra, Smith (1997) nos diz que *achievements* em chinês não incluem processo de mudança de estado, enquanto que em inglês tal mudança estaria prevista.

Alguns modelos de aquisição de aspecto basearam-se nessa universalidade. Em seções posteriores, veremos em mais detalhes alguns desses modelos e discutiremos em que medida há valores aspectuais universais.

¹¹ De acordo com Scher (2002), o termo *semelfactivo* constitui-se a partir de *semel*, palavra latina que designa “uma vez”. Ainda de acordo com a autora, o termo é empregado na lingüística das línguas eslavas para designar um sufixo que indica um evento singular.

3.1.1.4 RESUMO DAS CATEGORIAS DE ASPECTO LEXICAL

Cada uma das categorias acima apresentadas é caracterizada por algumas propriedades essenciais, a saber: estados não apresentam dinâmica interna nem estágios, têm duração indefinida e ponto de encerramento obscuro – “saber a resposta”, por exemplo –; atividades descrevem eventos dinâmicos e homogêneos, que ocorrem em um período de tempo indefinido e sem ponto de encerramento claro – “andar de bicicleta” –; *accomplishments* descrevem eventos dinâmicos, com estágios sucessivos e ponto de encerramento claro – “escrever uma carta” –; *achievements* são dinâmicos, ocorrem pontualmente, e têm ponto de encerramento claro – “cair”; semelfactivos são dinâmicos, ocorrem pontualmente e não têm ponto de encerramento pré-estabelecido – “bater na porta”.

Essas categorias aspectuais podem ser diferenciadas por pares de traços semânticos que constituem três pares contrastantes: [+/- estatividade] (ou [+/- dinamicidade]), [+/- telicidade], e [+/- pontualidade] (ou [+/- duratividade]) (Comrie, 1976; Smith, 1991). Nesse contexto, estados são [- pontual], [- télico], e [+ estativo] (ou [- dinâmico]); atividades são [- pontual], [- télico], e [- estativo]; *accomplishments* são [- pontual], [+ télico], e [- estativo]; *achievements* são [+ pontual], [+ télico], e [- estativo]; e semelfactivos são [+ pontual], [- télico], e [- estativo]. O quadro abaixo permite visualizar essas categorias em termos complementares.

Quadro 1: Categorias aspectuais de verbos e predicados em função dos valores de traços semânticos

Categorias/ Valores	Estado	Atividade	<i>Accomplishment</i>	<i>Achievement</i>	Semelfactivo
Estativo	+	-	-	-	-
Pontual	-	-	-	+	+
Télico	-	-	+	+	-

3.1.2 ASPECTO GRAMATICAL

O aspecto gramatical é um sistema de classificação que, por meio de marcas morfológicas, caracteriza a constituição interna de uma situação, definida a partir de um ponto de vista específico. Normalmente, esse tipo de aspecto é expresso por um morfema gramatical ligado ao verbo principal ou ao verbo auxiliar associado ao verbo principal nas frases, caracterizando, nesse último caso, as estruturas perifrásticas. A distinção mais relevante de aspecto gramatical para o português diz respeito à oposição perfectivo X imperfectivo, realizada no passado. O aspecto perfectivo caracteriza uma situação sem, necessariamente, fazer distinção entre as estruturas internas dessa situação – diz-se, nesse caso, que o ponto de vista assumido é externo –, enquanto que, contrariamente, o aspecto imperfectivo é aquele que caracteriza uma situação realizando o desmembramento do intervalo estabelecido pelos limites inicial e final dessa situação em diversos pontos a serem considerados – ponto de vista interno.

De acordo com Comrie (1976), o aspecto gramatical divide-se em duas grandes categorias: perfectivo e imperfectivo. Além disso, o aspecto imperfectivo é dividido para abarcar outros tipos de distinções aspectuais que podem fazer parte de algumas línguas: aspecto habitual e aspecto contínuo, podendo ser este último dividido em progressivo e não-progressivo.

O passado no português, por exemplo, pode ser expresso de três maneiras diferentes, como indicam as sentenças (15), (16) e (17) abaixo. As duas primeiras variam quanto ao traço de *perfectividade*, ao passo que em (17) observa-se uma forma progressiva – que, portanto, diz respeito ao traço de *progressividade*. O exemplo (15) está no Pretérito Perfeito; o (16), no Pretérito Imperfeito; e o (17) é uma perífrase formada pelo verbo auxiliar *estar* mais a forma de gerúndio do verbo principal. Estamos, pois, diante das três distinções concernentes a aspecto gramatical disponíveis para o português: perfectivo, imperfectivo e progressivo, respectivamente.

- (15) Pedro *jogou* futebol.
- (16) Pedro *jogava* futebol.
- (17) Pedro *estava jogando* futebol.

Nessa dissertação, interessa-nos a distinção gramatical referente a *perfectividade*. Distinções que dizem respeito a *progressividade* não serão investigadas.

3.1.2.1 A UNIVERSALIDADE DO ASPECTO GRAMATICAL

As línguas diferem significativamente na maneira como o aspecto é gramaticalmente codificado. Algumas línguas não marcam aspecto gramaticalmente (o hebraico, por exemplo), enquanto que outras não codificam tempo, embora codifiquem aspecto (o chinês, por exemplo). Nas línguas românicas, a distinção aspectual entre perfectivo e imperfectivo restringe-se ao tempo passado. Não se pode assumir, assim, que haja universalidade na marcação de aspecto gramatical, ainda que muitas línguas codifiquem-no.

3.1.3 COMPOSIÇÃO ENTRE ASPECTO LEXICAL E ASPECTO GRAMATICAL

Uma das hipóteses apresentadas na Introdução dessa dissertação quanto à aquisição de aspecto prevê que o significado aspectual seja produto da composição entre aspecto lexical e aspecto gramatical. Essa hipótese pode ser interessante se considerarmos que as línguas podem estabelecer restrições quanto ao emprego de certos afixos com determinadas raízes verbais¹². Embora esse não seja o caso do PB (conforme será visto a seguir), sustentar essa hipótese levar-nos-ia a assumir que traços semânticos relativos a raízes verbais tenham de ser considerados ante o emprego de afixos verbais responsáveis por codificar distinções aspectuais gramaticalmente relevantes em cada língua.

Vamos analisar brevemente as sentenças abaixo:

(18) Ele comeu o sanduíche em dois minutos.

(19) Ele comeu feijão durante toda a tarde.

(20) Ela foi ao parque.

(21) Ela foi na direção do parque.

¹² Como é o caso do inglês, por exemplo, língua na qual o traço [+ estativo] impede o emprego de afixos [+ progressivo].

(22) Ela bateu na porta.

As sentenças (18) e (19) apresentam valores aspectuais distintos, embora se constituam do mesmo verbo, “comer”. O argumento interno de (18), formado por um nome contável, impõe uma leitura télica (i.e. o predicado denota uma situação com limite final inerente). Já em (19), o argumento interno inclui um termo massivo, o que determina um valor atélico. Na sentença (20), observamos um evento dinâmico, durativo e atélico. Contudo, na sentença (21), o mesmo verbo foi empregado – “ir” –, mas a situação descrita é dinâmica, durativa e télica (em função da presença de “na direção do parque”). A sentença (22), por sua vez, descreve um evento instantâneo, definido pelo significado do verbo “bater”.

O fato de um mesmo verbo poder conter traços semânticos distintos - \pm atélico, no caso de “comer” e de “ir” – exigiria da criança um refinamento ainda maior com relação à referida composição. Nesse contexto, não bastaria que a criança acessasse o traço semântico [- atélico] do verbo “ir” – conforme sentença (20) –, por exemplo, e verificasse se há na sua língua alguma restrição quanto à combinação desse traço com determinado afixo responsável por codificar informação aspectual. A possibilidade de que o mesmo verbo “ir”, considerado em relação ao adjunto “na direção do parque”, contenha o traço [+ atélico] exigiria mais um processo composicional para definição do traço semântico de *telicidade*, o que representaria um custo de processamento ainda maior.

Nesse contexto, poder-se-ia prever que o aspecto verbal seria dado pela composição de traços semânticos presentes na raiz verbal, considerando os argumentos do verbo (internos e externos) e os adjuntos – primeiro processo composicional – em relação aos afixos, e verificando possíveis restrições combinatórias em cada língua – segundo processo composicional.

Dissemos que, ao contrário de muitas línguas, no PB parece não haver restrições quanto à combinação de um determinado afixo com determinados traços semânticos referentes a raízes verbais e/ou raízes verbais e seus argumentos e adjuntos. Embora não haja restrições significativas dessa natureza no PB, veremos, a seguir, como uma combinação particular de aspecto lexical e aspecto gramatical resulta em interpretações particulares de uma sentença.

3.1.3.1 IMPERFECTIVO E PROGRESSIVO E O ASPECTO LEXICAL

O imperfectivo e o aspecto progressivo apresentam traços aspectuais muito semelhantes, diferenciando-se apenas porque o progressivo é [+ dinâmico] que o imperfectivo – embora isso não signifique que o imperfectivo seja estático. Desse modo, ambos apresentam distribuições muito semelhantes quanto à interação com o aspecto lexical. Como o ponto de vista do imperfectivo localiza-se de dentro de uma dada situação, sendo indiferente o seu início ou o seu ponto de término, ele requer duração. Se não há duração, torna-se impossível tratar o ponto de início ou de término separadamente. Isso nos levaria a admitir que os *achievements* e os semelfactivos são incompatíveis com o aspecto imperfectivo.

Apesar dessa aparente incompatibilidade, em certos casos é possível considerar uma visão interna de um *achievement* pela focalização nos estágios mais imediatos de um evento. Observemos a frase abaixo:

(23) O menino *estava chegando* ao pico da montanha.

Para que uma frase como essa possa ser considerada válida, temos de supor que o menino esteja em um estágio muito próximo de atingir o ponto mais alto da montanha, não sendo possível pensar que ele esteja no meio do caminho¹³.

No caso dos semelfactivos, o aspecto imperfectivo ou progressivo pressupõe repetição do evento pontual, ou seja, iteratividade, conforme nos mostra a frase abaixo:

(24) O menino *estava batendo* na porta.

Contrariamente ao que se observa com os *achievements* e semelfactivos, as categorias que apresentam duração, isto é, atividades, *accomplishments* e

¹³Em línguas como o chinês, a distinção gramatical perfectivo/imperfectivo não é admitida em verbos de *achievement*. No caso do inglês e do português, a distinção perfectivo/imperfectivo com verbos de *achievement* é permitida quando o falante se concentra em estágios preliminares de uma situação de *achievement* (Smith, 1991): “*Eles estavam começando o jogo*”; “*Ela estava abrindo a porta*”.

estados, podem facilmente admitir um ponto de vista interno. Tanto as marcas de imperfectivo quanto as de progressivo permitem um significado de ação em andamento quando ligadas a verbos de atividade e *accomplishments*. No que diz respeito aos verbos de estado, a situação é ligeiramente diferente, na medida em que verbos estativos normalmente não se combinam com aspecto progressivo. Dizemos normalmente porque a literatura produzida até então assim o afirma. Todavia, fazemos a ressalva de que nenhuma informação nessa direção foi apresentada quanto ao português. No caso do inglês, por exemplo, essa restrição é bastante clara: os verbos estativos normalmente não aceitam aspecto progressivo, o que inclui verbos psicológicos e cognitivos, tais como “querer”, “precisar”, “gostar”, “amar”, “acreditar”, “saber”, verbos perceptuais, tais como “ver”, “ouvir” e “sentir”, e verbos relacionais ou existenciais, tais como “lembrar de”, “possuir”, “ter” e “ser” ou “estar”. A incompatibilidade de uma tal combinação nessa língua parece dever-se ao fato de que como o aspecto progressivo apresenta uma situação em andamento, ele requer que a situação tenha fases sucessivas, ou seja, que ele seja dinâmico, ao passo que verbos cognitivos, perceptuais, relacionais e existenciais indicam apenas situações homogêneas¹⁴.

O aspecto imperfectivo, ao contrário do que se dá com o progressivo, é compatível com verbos estativos. Observe-se que o imperfectivo apresenta os traços [+ visão interna] e [– dinâmico], o que favorece à duração de um estado ao mesmo tempo que não aciona um significado de ação em andamento, uma vez que os verbos estativos também apresentam o traço [– dinâmico].

3.1.3.2 PERFECTIVO E O ASPECTO LEXICAL

O aspecto perfectivo combina-se naturalmente com *achievements*, pois, por definição, esse tipo de aspecto apresenta uma situação como um todo, e verbos dessa natureza apresentam uma instanciação imaginária na qual o ponto de vista descreve situações pontuais como pontos individuais, sem estrutura interna (Smith, 1991). Como tais verbos pressupõem um ponto de término, a combinação deles com o aspecto perfectivo representa a finalização de uma

¹⁴ No caso do PB, essa restrição não se observa.

situação, mesmo que nesse caso o ponto de início da situação coincida com o ponto de término.

De maneira semelhante, a combinação entre aspecto perfectivo e verbos semelfactivos dá-se naturalmente. É interessante notar que essa talvez seja a combinação ideal para verbos dessa natureza, uma vez que a noção de que algo pontual acontece uma única vez (cf. nota 19) só parece ser possível no perfectivo.

(25) O menino tosse quando anoitece.

(26) O menino tossiu.

(27) O menino tossia.

(28) O menino estava tossindo.

Seja no presente (25), no passado imperfectivo (27) ou no progressivo (28), o verbo “tossir” parece sugerir não apenas uma execução do evento de tossir, mas, ao contrário, a repetição desse evento. Apenas em (26), parece ser possível conceber a tosse como pontual e não-iterativa.

Esse tipo de aspecto também se combina com *accomplishments*, sendo normalmente interpretado como término de uma situação, já que, por definição, *accomplishments* incorporam um ponto final, e o aspecto perfectivo encara a situação como um todo único, com ponto de início e de término bem definidos. Abaixo transcrevemos a frase (8).

(29) O operário construiu uma casa no ano passado.

Em (29), o processo de construção é apresentado como um todo único, além de estar subentendido que a casa está terminada.

A ocorrência de verbos de atividade no perfectivo parece ser possível, embora a noção de finalização não se aplique aos usos do perfectivo com verbos de atividade, na medida em que atividades codificam situações sem ponto de término inerente (Comrie, 1976; Lyons, 1977).

(30) O menino correu.

De acordo com os autores, a frase acima não pode ser entendida como se o menino tivesse completado a sua corrida. Indicaria apenas que ele se empenhou em uma atividade de corrida por um momento, e que, em relação a um ponto arbitrário (não especificado), essa atividade já terminou.

No português, a combinação de verbos de atividade com aspecto perfectivo não parece prescindir dessa noção de finalização. Uma frase como (30) não nos daria a sensação de que o menino parara de correr antes do que previa. Poderíamos, ao contrário, entender que ele realizou o que pretendia. É verdade, contudo, que parece faltar alguma informação em (30). Essa sensação de que falta alguma referência temporal será explicada na seção 3.4, quando trataremos de *frame* de referência.

Do mesmo modo que os verbos estativos parecem não ser compatíveis com o aspecto progressivo em muitas línguas, eles também não se mostram compatíveis com o aspecto perfectivo¹⁵. Isso se deve ao fato de que esses verbos não possuem nem um ponto de início nem um ponto de término na sua estrutura temporal. Dessa maneira, o aspecto perfectivo, que apresenta tanto ponto de início quanto de término como foco de uma situação, normalmente não pode se combinar com verbos estativos. Em casos raros, em que uma tal combinação é possível, o que se pretende indicar é a entrada em um estado pela focalização do ponto de entrada em um estado específico.

(31) De repente, eu entendi aquilo.

A frase (31) é um exemplo dessa rara combinação, embora seja possível argumentar que não se trate mais de um verbo estativo, mas de um *achievement*.

3.1.3.3 RESTRIÇÕES COMBINATÓRIAS

Diante do apresentado, é possível verificar para algumas línguas a existência de restrições combinatórias ou até mesmo de incompatibilidades entre certos aspectos gramaticais e alguns aspectos lexicais. Comrie (1976) apresentou esse tipo de relação entre aspecto gramatical/lexical como princípio da

¹⁵ Essa restrição também não se observa no PB.

naturalidade da combinação, de acordo com o qual, o aspecto perfectivo combina-se naturalmente com verbos pontuais, por exemplo, pois esse aspecto apresenta a situação como um todo, sem levar em conta a sua estrutura interna, e verbos pontuais codificam a situação como um único ponto desprovido de estrutura interna. De maneira oposta, o aspecto imperfectivo não seria compatível com verbos pontuais, já que esse aspecto apresenta uma situação como tendo uma estrutura interna, enquanto que um verbo pontual codifica a situação como um único ponto desprovido de estrutura interna¹⁶. Verbos de atividade combinam-se naturalmente com o aspecto imperfectivo, uma vez que codificam as sucessivas fases, ainda que homogêneas, de um evento no decorrer do tempo.

De acordo com o autor, essas interações observadas entre aspecto lexical e aspecto gramatical são originadas de certas relações naturais entre estados e eventos. A esse respeito, Brown (1973) nos diz que quando se sabe, por exemplo, que uma situação chegou ao seu fim com um resultado claro, essa situação provavelmente tornou-se um evento passado, e tem-se, assim, a tendência de tratar de sua finalização com o aspecto perfectivo. Diante disso, poder-se-ia supor uma certa combinação natural – empregando a expressão de Comrie (*op. cit.*) – entre resultatividade e telicidade e o uso de formas verbais passadas e perfectivas, por um lado, e entre atividades atélicas e o uso de formas verbais presentes e progressivas, por outro.

3.1.4 PARADOXO DA IMPERFECTIVIDADE

Segundo Dowty (1979), o paradoxo da imperfectividade¹⁷ se caracteriza em função de a forma progressiva/imperfectiva de alguns verbos pressupor a forma perfectiva correspondente, ao passo que com outros verbos isso não ocorre. A esse respeito, o exemplo “*Maria estava correndo*” pressupõe que “*Maria correu*”, mas “*Maria estava atravessando a rua*” não pressupõe que “*Maria*

¹⁶ Conforme observado na seção anterior, é possível, ao menos em português, realizar *achievements* e *semelfactivos* – ambos pontuais – no aspecto imperfectivo, com algumas alterações de significado.

¹⁷ Diversos trabalhos sobre o paradoxo da imperfectividade empregam instrumental próprio à Semântica Formal para explicar o fenômeno. Não nos detemos em tais análises por se distanciarem demasiadamente do foco deste trabalho. Para maiores detalhes, ver Parsons (1989), Landman (1992), White (1993).

atravessou a rua”, no sentido de não se poder afirmar que Maria pisou a calçada do outro lado da rua.

O que diferencia “correr” de “atravessar a rua” é o traço de telicidade, já que os traços [-estativo] e [-pontual] são compartilhados pelas duas formas em questão. Temos para “correr” um traço [-télico], e para “atravessar a rua”, um traço [+télico]¹⁸. A forma progressiva/imperfectiva costuma captar o evento no seu desenvolvimento, o que pode significar que um predicado télico – o qual prevê que haja um fim natural, além do qual não se pode ter prosseguimento – em curso, ou seja, que ainda não tenha atingido seu ponto de culminância previsto, não possa prescindir aquilo que lhe é fundamental, a conclusão do evento em questão. Assim, em “*Maria estava atravessando a rua*”, o evento descrito, ainda em curso, não garante a telicidade que o predicado “atravessar a rua” exige. Seria, pois, a presença do traço [+télico] que geraria o paradoxo da imperfectividade.

Talvez seja necessário discutir em que medida um predicado [+télico] limita no PB a construção de sentenças em que o ponto de culminância previsto não se torna uma realidade. A literatura sobre aspecto em muitas línguas parece ser bastante rígida quanto a esse ponto, embora nos pareça que no PB tenhamos uma situação mais distensa. Sentenças como “*Li um livro*” não parecem pressupor a leitura de todo o livro, como sugerem análises do inglês, por exemplo. De maneira mais extrema, talvez um falante do PB não estranhe uma sentença como “*Atravessei a rua quando minha mãe me chamou*” para descrever uma situação em que o transeunte não tenha chegado ao outro lado da calçada, situação em que claramente o ponto de culminância, a rigor requerido, não se realiza.

Kazanina & Phillips (2003), discutindo o paradoxo da imperfectividade, ressaltam a necessidade de se considerar a noção de *frame* de referência. De acordo com os autores, o *frame* de referência é definido como o intervalo temporal estabelecido pelo discurso que se baseia em contextos lingüísticos ou extralingüísticos relevantes. Esse intervalo temporal poderia ser caracterizado, por exemplo, por uma oração introduzida por “enquanto”, “quando” ou simplesmente por uma estrutura adverbial como “no ano passado”. Os autores defendem que *frames* de referência são cruciais para licenciar o uso do imperfectivo para se referir a eventos com leitura conativa, isto é, eventos incompletos.

¹⁸ *Atravessar a rua* preveria que quem quer que estivesse realizando esse evento chegasse ao outro lado da calçada.

Com o objetivo de comprovar a relevância do *frame* de referência para o problema em questão, os autores apresentam dados do holandês adulto e do russo em fase de aquisição. Em ambos os casos, há formas que podem ser associadas a eventos incompletos em alguns contextos, mas não em outros. Os autores pretenderam, assim, compreender como são licenciadas as leituras conativas nessas línguas.

Os gramáticos tradicionais do holandês classificam predicados com o passado simples (*simple past*) como aspectualmente neutros, ou seja, predicados que não pressupõem completude. Para defender essa posição, eles alegam que em períodos compostos formados por uma oração subordinada temporal introduzida por “quando”, o falante do holandês interpreta os dois eventos como sendo simultâneos se o verbo da oração principal está no passado simples (situação 1), e interpreta os eventos como seqüenciais quando o verbo da oração principal está no presente perfeito (*present perfect*) (situação 2). Apesar do que postulam tais gramáticos tradicionais, em períodos simples (compostos por apenas uma oração), os falantes dessa língua têm a intuição de que o passado simples traz uma interpretação de completude do evento por ele representado. A existência de uma pressuposição de completude para períodos simples com verbo no passado simples é, na visão dos autores, compatível com a leitura de simultaneidade em períodos compostos como o descrito na situação 1. Os exemplos abaixo são bastante esclarecedores¹⁹.

(32) Toen Jan binnenkwam, maakte het kind een puzzel. (situação 1)

Quando Jan entrar.passado simples decifrar.passado simples a criança um enigma
Quando Jan entrou, a criança decifrou um enigma.

(33) Toen Jan binnenkwam, heeft het kind een puzzel gemaakt. (situação 2)

Quando Jan entrar.passado simples auxiliar a criança um enigma decifrar. particípio passado
Quando Jan entrou, a criança tinha decifrado um enigma.

¹⁹ Os exemplos em holandês foram retirados do artigo de Kazanina & Phillips (2003), embora as traduções tenham sido feitas para o português brasileiro (PB) e não para o inglês, como no original.

No caso do português, uma sentença simples²⁰ com um predicado de *accomplishment* no passado perfectivo (equivalente ao passado simples, acima mencionado) nem sempre parece trazer uma interpretação de completude do evento descrito, conforme se percebe no exemplo abaixo, já apresentado²¹.

(34) Li um livro.

Contudo, parece-nos que isso não ocorre com todos os predicados de *accomplishment*, ou, pelo menos, que isso não ocorra com muitos predicados dessa natureza em sentenças simples. A presença de um *frame* de referência poderia, por outro lado, ampliar o conjunto dos predicados de *accomplishment* que podem, contextualmente, ter uma leitura conativa. Outro exemplo, também já apresentado, será abaixo transcrito para nos auxiliar nessa discussão.

(35) Atravessei a rua quando minha mãe me chamou.

Do modo como a sentença se apresenta acima, podemos supor que a ação de “atrasar a rua” tenha sido concluída. Essa leitura (não-conativa), de acordo com o que a literatura costuma apresentar para predicados [+ télicos], pode, no entanto, ser revertida se mais informação for acrescentada, conforme a sentença abaixo.

(36) Atravessei a rua quando minha mãe me chamou e tive de voltar.

No caso de (36), poderíamos supor duas situações distintas: o transeunte atravessa a rua – tendo completado essa travessia –, a mãe o chama e ele volta; ou o transeunte começa a atravessar a rua, ouve a mãe chamá-lo e volta sem ter completado a travessia. Embora a primeira situação descreva mais precisamente o que se propõe em (36), a segunda descrição – aquela em que a travessia não se completa – talvez possa ser aceita por falantes do PB.

²⁰ Por sentença simples pretendemos designar aquelas que prescindem de qualquer referência temporal mais específica. A sentença (34) poderia ser tomada como simples, enquanto que a tradução de (32) não. Uma oração introduzida pelo “quando”, por exemplo, é capaz de transformar uma sentença simples em não-simples.

²¹ “Ler” é comumente reconhecido como um verbo de atividade, ao passo que “ler um livro”, como um predicado de *accomplishment*.

Tratemos agora de um predicado de *accomplishment* no passado imperfectivo. Em primeiro lugar, diferentemente do que pode acontecer com o passado perfectivo, uma sentença simples de leitura não-habitual no passado imperfectivo não parece ser tomada como um enunciado completo por um falante do PB, ou, pelo menos, sem supor um *frame* de referência, ainda que elíptico ou subentendido²². Desse modo, para assumir que uma sentença como (37) seja gramatical é preciso supor um *frame* de referência elíptico.

(37) Atravessava a rua.

Conforme se viu nessa seção, o traço de *telicidade* no PB parece ser menos rigorosamente interpretado do que em outras línguas. Além disso, o emprego de um predicado de *accomplishment* ([+télico]) no passado imperfectivo em sentença simples – tal como (37) – pode gerar uma interpretação habitual – ainda que improvável – ou uma sentença incompleta. Desse modo, para que um predicado de *accomplishment* sem leitura habitual possa ocorrer no PB faz-se necessário um *frame* de referência, mesmo que elíptico ou subentendido.

Essa noção de *frame* de referência nos será de grande utilidade para a confecção de nosso segundo experimento, no qual tentaremos avaliar as habilidades de crianças de 3 e 5 anos no que diz respeito à compreensão de distinções pertinentes a *perfectividade* e *telicidade* em sentenças complexas com *frame* de referência, assim como se *telicidade* interage com *perfectividade*, no sentido de facilitar a compreensão de um verbo ± perfectivo, conforme prevê vasta literatura em aquisição de aspecto. No referido experimento, controlamos o aspecto gramatical e o aspecto lexical do *frame* de referência – *achievements* no [+perfectivo] –, manipulando assim as formas verbais das orações principais.

²² O uso do passado imperfectivo em português é permitido em sentenças simples apenas se o evento designado tiver um caráter habitual. No caso em questão, seria pouco provável, embora não impossível, que alguém tivesse por hábito atravessar uma tal rua. Para essas sentenças com caráter habitual, é provável que se atribua uma leitura de completude. Por outro lado, parece-nos que leituras habituais sejam mais comuns com verbos de atividade do que com verbos de *accomplishments*. Possivelmente, o traço [+télico] dos *accomplishments* seria mais dificilmente compatibilizado com uma leitura habitual do que o traço [-télico] dos verbos de atividade.

3.2 ASPECTO DO PONTO DE VISTA DA TEORIA LINGÜÍSTICA

À teoria lingüística gerativista em sua versão minimalista tem interessado discutir o *status* do aspecto gramatical como categoria funcional²³, assim como em que posição da estrutura sintática estaria essa categoria funcional. Abordagens dessa natureza²⁴ costumam se centrar em como ocorrem as operações do SC, para o qual apenas os traços formais são importantes. Nesse contexto, o que temos caracterizado como aspecto lexical – composto por traços semânticos – não se constitui como objeto de estudo dos gerativistas²⁵.

Não está assente na literatura gerativista se o aspecto gramatical é ou não uma categoria funcional. A maior parte dos modelos teóricos apresentados no *framework* gerativista/minimalista admite a projeção funcional ASPP²⁶, inicialmente proposta por Tenny (1992) e Borer (1994) e desenvolvida por Giorgi & Pianesi (1997)²⁷. Cinque (1999), por exemplo, sustenta que todo traço formal que tem noção semântica, isto é, que se apresenta como [+interpretável], assim como Tempo e Aspecto, deve ter um núcleo na árvore sintática.

Contrariamente, Osawa (1999) defende que Aspecto não se projeta na estrutura sintática como uma categoria funcional no inglês contemporâneo²⁸. Na visão do autor, há, nessa língua, traços relativos a Aspecto, embora esses traços não se projetem como uma categoria funcional. Parte de sua argumentação se sustenta na teoria da maturação, segundo a qual na gramática das crianças mais novas não haveria categorias funcionais (Radford, 1990; Tsimpli, 1996). Osawa (*op. cit.*) encontra evidência para sua posição em dados de aquisição de língua materna, os quais revelariam que as crianças adquirem Aspecto antes de adquirirem a categoria funcional de Tempo. Tsimpli (*op. cit.*), ao examinar dados

²³ Conforme já apontamos, o problema da aquisição da linguagem no contexto do Minimalismo envolve a identificação das propriedades pertinentes a traços formais de elementos de categorias funcionais.

²⁴ Ainda que alguns trabalhos vinculados ao *framework* minimalista utilizem-se de dados da aquisição para defender seus pontos de vista, não se pode dizer que se dediquem ao estudo de aquisição de linguagem, uma vez que o objetivo de tais trabalhos é caracterizar as operações do SC. Desse modo, algumas das propostas apresentadas nesta seção mencionam dados da aquisição, mesmo não se caracterizando como trabalhos em aquisição, como adiantado no Cap 1.

²⁵ Embora algumas propostas, ainda que formuladas em outros *frameworks*, tomem *telicidade* como traço formal, como é o caso daquela defendida por van Hout (1994).

²⁶ Em muitos casos, ainda que não se defina uma projeção funcional ASPP como obrigatória, admite-se a possibilidade de que essa projeção possa existir. (Cf. van Gelderen, 1993)

²⁷ A proposta de Giorgi e Pianesi (1997) será desenvolvida a seguir.

²⁸ O autor sugere que há uma correlação entre processos de aquisição de primeira língua e mudanças lingüísticas diacrônicas. De acordo com Osawa (*op. cit.*), no inglês antigo (*Old English*), não havia TP, o qual teria emergido contemporaneamente.

de aquisição em várias línguas (grego moderno, alemão, francês, irlandês, espanhol e inglês), concluiu que as distinções aspectuais estavam disponíveis no chamado estágio pré-funcional²⁹, embora as distinções temporais ainda não se realizassem.

A existência de uma categoria funcional é normalmente condicionada à identificação de efeitos sintáticos causados pela projeção dessa categoria. Se, por um lado, Osawa (*op. cit.*) argumenta que na fala de adultos não haveria evidência independente para se considerar uma projeção aspectual, por outro, van Gelderen (1993), defende que o quantificador *all* se projete em Spec de ASPP, numa sentença como “*They may not have all been reading a book*”.

Diferentemente de Osawa (*op. cit.*), alguns pesquisadores, como Wexler (1994), asseguram que na gramática de crianças bastante novas já há TP. Wexler (*op. cit.*) toma como evidência para tal asserção a existência de um estágio em algumas línguas no qual as crianças produzem tanto verbos finitos quanto não-finitos em contextos que exigem o emprego de uma forma finita, ou seja, elas produzem opcionalmente *root infinitives*.

A maioria das propostas que discute o estágio de infinitivo opcional (*root infinitive stage*) explica um tal fenômeno a partir do fato de que o sistema temporal ainda não teria sido totalmente adquirido. De acordo com tais propostas, as informações temporais seriam possíveis graças a marcas aspectuais³⁰.

Nesse contexto, Rizzi (1994) propõe que a estrutura oracional estaria truncada, uma vez que algumas categorias funcionais ainda não teriam sido projetadas. Esse truncamento dar-se-ia no nível de CP, faltando uma projeção de Tempo e todas as projeções funcionais acima de TP.

Wexler (*op. cit.*), por sua vez, assume que Tempo estaria subespecificado. Para ele, o CP já estaria projetado como nos adultos e o uso opcional de formas não-finitas dever-se-ia ao fato de que Tempo ainda não teria maturado.

²⁹ O estágio pré-funcional seria aquele período de tempo no qual a gramática das crianças ainda não apresentaria categorias funcionais. Este estágio é defendido pelos adeptos da teoria da maturação. Na concepção de aquisição aqui assumida, categorias funcionais, ainda que subespecificadas são instrumentais para a aquisição da língua e seriam inicialmente identificadas a classes fechadas. Um “estágio pré-funcional” seria, portanto, a nosso ver, restrito ao período anterior à distinção perceptual e não à produção de elementos funcionais, como assumem os proponentes deste “estágio”.

³⁰ Como se vê, muitas propostas de aquisição de tempo e aspecto vinculadas à tradição gerativista também defendem que a aquisição do aspecto ocorra antes em relação à aquisição de tempo.

Ainda que se assuma a ausência da projeção de Tempo ou alguma deficiência de Tempo como possíveis soluções para o fenômeno, a ausência da projeção funcional em questão não implicaria ausência de interpretação temporal. A esse respeito, Phillips (1995) propõe que a ausência de marcas visíveis deva ser analisada como uma mera falta de realização fonética de um traço específico³¹.

Mesmo para aqueles que defendem a existência de uma categoria funcional ASPP, a posição dessa categoria é controversa. Muito se tem discutido sobre se ASPP estaria abaixo ou acima de TP.

Iniciaremos essa discussão partindo do trabalho de Pollock (1989), o qual propôs a cisão do núcleo funcional I (*Inflection*) gerando AGRP e TP³². Pollock (*op. cit.*) chegou a essa conclusão após observar no inglês e no francês a posição de advérbios de tempo, de quantificadores, bem como das partículas de negação em relação tanto a verbos finitos quanto a verbos no infinitivo³³. De acordo com o referido trabalho, no francês, os verbos finitos precedem tanto *souvent* quanto *pas*, embora, em estruturas com verbo no infinitivo, haja deslocamento do verbo para uma posição posterior à da partícula de negação *pas* (não havendo alteração de posição no que diz respeito ao advérbio *souvent*). A partir da observação desses dados, Pollock propõe que, no francês, haja dois núcleos funcionais onde antes só se considerava o núcleo funcional I, um que precederia *pas* e outro que ocorreria entre advérbios como *souvent* e *pas*.

(38) P1 *pas* P2 Adv [VP V]

Na representação acima, P1 seria a posição disponível para estruturas com verbo no infinitivo, ao passo que P2 estaria disponível para aquelas com verbos finitos³⁴. Em sua perspectiva, a posição P2 deveria ser compreendida como AGRP; e P1, como TP.

³¹ Um estudo sobre aquisição de aspecto vinculado a um *framework* minimalista (Brun *et. al.*, 1999) será apresentado no capítulo seguinte, quando será possível avaliar essa proposta de Phillips (1995).

³² Essa hipótese é comumente referida como hipótese da flexão cindida (SPLIT-INFL).

³³ Escolhemos centrar nossa atenção nos exemplos do francês, embora convenha reforçar que o Pollock (1989) investigou as diferenças sistemáticas entre francês e inglês observando a posição do verbo em relação ao advérbio, aos quantificadores e às partículas de negação.

³⁴ Pollock nomeou o movimento do verbo para a posição P2 de movimento curto de verbo (*Short Verb Movement*).

Chomsky (1995) questiona a idéia de que AGRP seja um núcleo funcional, visto que a morfologia concernente à concordância verbal não se mostra relevante para a interface com o sistema Conceptual-Intencional e também pelo fato de que a checagem com os traços de concordância do sujeito pode simplesmente se dar em TP, para onde o verbo se move.

Bok-Bennema (2001) reconhece a cisão do IP, embora discorde de Pollock (*op. cit.*), uma vez que propõe que os núcleos funcionais produzidos pela cisão mencionada sejam ASPP e TP. Realizando uma comparação entre dados do francês e do espanhol, Bok-Bennema (*op. cit.*) acredita que P1 seria TP e P2, ASPP³⁵.

Em primeiro lugar, o autor considera a proposta de Cinque (1999) quanto à hierarquia dos advérbios, de acordo com a qual a ordem desses advérbios em muitas línguas é constante. O esquema abaixo reproduz em parte essa proposta de Cinque.

(39) *modal < frequency < already < always < immediately < almost < manner*

Assumindo que considerar a ordem dos advérbios em relação ao verbo possa ser uma ferramenta bastante útil para a compreensão do movimento do verbo, Bok-Bennema (*op. cit.*) defende que os advérbios, uma vez concatenados (uma vez que se submetem a operação *Merge*), não se movem – exceto em casos como o de movimento *wh*, irrelevantes para o estudo em questão.

De acordo com essa análise, o verbo em francês necessariamente precede os advérbios de modo (40a) – *manner adverbs* –, os *middle adverbs* (40b) – aqueles que se encontram na hierarquia entre os *modal adverbs* e os *manner adverbs* – bem como os *modal adverbs* (40c) – advérbios de modalização. O autor interpreta esse fato como uma prova de que o alvo do movimento do verbo finito em francês – que estamos considerando ser P1 – concatenar-se-ia depois que os advérbios considerados.

Entretanto, no que diz respeito ao espanhol, a situação é bastante mais complexa. A situação seria idêntica àquela descrita para o francês quando se

³⁵ Convém ressaltar que de acordo com Bok-Bennema (2001) o núcleo funcional ASPP estaria abaixo de TP. Conforme se verá adiante, outras propostas quanto à posição de ASPP foram apresentadas no decorrer do desenvolvimento do minimalismo.

consideram *manner adverbs* (41)³⁶, embora haja uma clara preferência no espanhol a que os *modal adverbs* precedam os verbos (42a,b). Em estruturas em que há a combinação de *middle adverbs* e de verbos finitos no espanhol, o verbo tanto pode vir antes do advérbio quanto pode vir depois (43a-d). Abaixo seguem os exemplos, retirados de Bok-Bennema (2001)³⁷.

- (40) a. * Paul *lourdement* charge la voiture.
 b. * Il *fréquemment* lit les livres de Sartre.
 c. * Jean *probablement* donne les livres à Paul.

(41) * El chico *lógicamente* contestó la pregunta.

- (42) a. Juan *probablemente* conoce a María.
 b. ?* Juan conoce *probablemente* a María.

- (43) a. Juan *inmediatamente* cerró la puerta.
 b. Juan cerró *inmediatamente* la puerta.
 c. Ese alumno *ya* asiste a mis clases.
 d. Ese alumno asiste *ya* a mis clases.

Para propor que o que antes era considerado IP seja ASPP e TP, Bok-Bennema (2001) observa também tempos compostos, os quais são formados por um verbo auxiliar flexionado e por uma estrutura participial relativa ao verbo principal. Essa estrutura participial teria um valor aspectual [+ perfectivo].

O autor conclui, após observar exemplos em que advérbios no francês podem ocorrer entre o verbo auxiliar e o verbo principal (tais como os apresentados abaixo em (44)), que há uma posição funcional TP, para a qual se

³⁶ Haveria uma leitura gramatical se "*lógicamente*" fosse interpretado como "certamente", e não como "de maneira lógica".

³⁷ Considerando que a análise de Bok-Bennema (2001) traça padrões de comportamento do verbo em relação ao advérbio tanto no francês quanto no espanhol em função de ser o verbo finito ou estar este verbo no infinitivo, podemos concluir que o autor propõe, assim, que finitude (se o verbo é [+ finito] ou [- finito]) seja responsável pela posição do verbo em relação ao advérbio. Uma tal conclusão teria repercussões no processo de aquisição da linguagem, uma vez que, de acordo com o apresentado, a informação sobre finitude teria de estar disponível para a criança. Nesse sentido, poderíamos pensar que a criança fixaria um tal parâmetro em função da evidência da posição do advérbio, ou, contrariamente, que finitude afetaria o modo como o advérbio será posicionado.

moveria o verbo auxiliar por meio de um movimento longo de verbo, e uma posição funcional ASPP, mais baixa em relação à TP, para a qual se moveria o participio passado – com valor aspectual [+ perfectivo] – através de um movimento curto de verbo.

(44) a. Paul a *lourdement* chargé la voiture hier soir.

(Schlyter 1974 *apud* Bok- Bennema 2001)

b. Jean a *immédiatement* réagi.

c. Paul a *probablement* donné les livres à Jean.

Novaes (2004), entretanto, analisando dados produzidos por dois pacientes afásicos agramaticais falantes de PB, propõe que Aspecto ocupe o nódulo acima de TP. De acordo com o autor, pacientes afásicos apresentam problemas que parecem estar mais associados a Aspecto do que a Tempo. De acordo com essa análise, ASPP estaria acima de TP, contrariando o que propusera Bok-Bennema (2001)³⁸.

Considerando que a análise de Bok-Bennema (*op. cit*) traça padrões de comportamento do verbo em relação ao advérbio tanto no francês quanto no espanhol em função de ser o verbo finito ou estar este verbo no infinitivo, pode-se pensar que finitude (se o verbo é [+ finito] ou [– finito]) seja responsável pela posição do verbo em relação ao advérbio.

Os agramáticos, por sua vez, parecem demonstrar conhecimento sintático da relação entre o movimento do verbo e a finitude. Novaes e Braga (2004) citam o estudo desenvolvido por Kolk e Heeschen (1992), o qual mostrou que se um afásico agramático do holandês ou do alemão (línguas V2) produz um verbo infinitivo, este verbo se encontra na maioria das vezes na posição final da frase, onde é permitido, ao passo que o verbo finito é sempre colocado na segunda posição, local de ocorrência esperado.

³⁸ O autor em questão está assumindo a Hipótese da Poda da Árvore (*Tree-Pruning Hypothesis*) (Friedmann & Grodzinsky 1997), segundo a qual a não produção de uma determinada estrutura por um paciente agramático significa que esse paciente teve comprometimento no nó sintático relativo àquela estrutura. Tal proposta prevê que se a estrutura construída apresenta comprometimento num determinado nível de projeção, nenhum nível de projeção superior poderá ser construído, embora os níveis de projeção mais baixos estejam intactos. Como nos dois casos relatados, os pacientes demonstravam ter problemas relativos a Aspecto, mas não a Tempo, Novaes (2004) defende que ASPP seja superior a TP.

O estudo da aquisição da finitude em inglês como L2³⁹ lança um novo olhar quanto às noções aspectuais. Gavruseva (2002a) propõe um *framework* para uma análise da finitude que explica o fenômeno de *root infinitives* por meio da subespecificação das projeções aspectuais ASPP e AKTP⁴⁰ no estágio inicial.

Nesse estudo, a autora sustenta que predicados realizados em torno de eventos pontuais (*achievements* e *semelfactivos*) e de estados apresentam taxas de ocorrência de finitude muito mais altas do que predicados que indicam eventos não-pontuais (atividades e *accomplishments*). Esses três grupos de predicados propostos – pontuais X não-pontuais X estados – diferem entre si quanto ao traço de *telicidade* e seria esse traço o responsável pela especificação aspectual sintática. Dessa forma, a autora propõe que estados e eventos pontuais tenham o traço sintático-semântico de *telicidade* inerentemente especificados, ao passo que eventos não-pontuais teriam de adquirir a especificação de *telicidade* por meio do processo de composição aspectual.

A esse respeito, Verkuyl (1972, 1999) observa que alguns verbos tanto nas línguas germânicas quanto nas línguas românicas são aspectualmente transitórios, visto que um mesmo verbo pode figurar em mais de uma subclasse aspectual. É exatamente isso o que ocorre com os verbos que podem pertencer tanto à categoria de atividades quanto à de *accomplishments*.

Conforme já observado em seções anteriores, o valor aspectual não é dado exclusivamente pelo verbo, mas antes também pela consideração dos argumentos – e dos adjuntos – desse verbo. Partindo desse raciocínio, Gavruseva (*op. cit*) propõe que o valor da *telicidade* de um predicado exija que se considerem os argumentos do verbo. Se o argumento interno de um verbo pode ser caracterizado como um argumento de quantidade específica – *specific quantity argument* (+SQA) –, por exemplo, o verbo receberia uma leitura télica. Por outro lado, se um argumento interno de um verbo for não-específico quanto à quantidade – *non-specific quantity* (-SQA) –, o verbo receberá uma interpretação atélica. Os exemplos abaixo pretendem demonstrar essa oposição.

³⁹ Embora o presente trabalho não se proponha a tratar de aquisição de L2, a análise apresentada pode nos interessar.

⁴⁰ A autora considera a existência de duas projeções aspectuais distintas: ASPP e AKTP. ASPP seria a projeção responsável por computar o traço de *telicidade* composicional dos verbos aspectualmente transitivos. Já AKTP seria a projeção aspectual interna a VP na qual os verbos com *telicidade* inerente checariam o traço semântico de *telicidade*. Este seria o caso dos verbos estativos, nos quais o acréscimo de um argumento interno não causa nenhuma mudança no valor da *telicidade*.

- (45) a. O aluno escreveu [uma poesia] (+ télico)
 b. O aluno escreveu [poesia] (- télico)

Gavruseva (2002b) sugere que verbos como “escrever” devam ser classificados como não tendo uma especificação de telicidade inerente. Isso significa que esses verbos estariam subespecificados para telicidade no léxico (o que poderia ser formalmente representado como V[+/-télico]). Assim como Borer (1994), a autora propõe que, em casos de verbos aspectualmente transitórios, exista um traço sintático de telicidade a ser considerado na projeção ASPP. Abaixo, encontra-se uma tentativa de representar (45a).

- (46). [CP [TP [ASPP uma poesia [ASPP [+SQA] VP]]]]

O DP objeto “uma poesia” especificado como [+SQA] (ou [+measure], como em Borer (1994)) se move para o Spec de ASPP onde ele dispara uma especificação [+télico]. Essa especificação é considerada pelo verbo via movimento de núcleo para ASP. Quando, por outro lado, nenhum DP objeto com o traço [+SQA] se move para Spec. de ASPP, o predicado é interpretado como atélico.

A partir dessa análise, poderíamos supor que eventos não-pontuais seriam mais custosos para a criança, uma vez que a especificação de telicidade teria de ser estabelecida. Como em nossos experimentos não contrastamos eventos pontuais e não-pontuais, não será possível avaliar uma tal previsão.

Apesar disso, a discussão sobre telicidade aqui apresentada será válida para nossos fins. Ainda que em algumas línguas eslavas, tais como russo, polonês e tcheco, haja prefixos que codificam telicidade, não se pode aceitar para o PB que telicidade seja mais que um traço semântico.

Giorgi & Pianesi (1997)⁴¹, por sua vez, destacam a possibilidade de que um único morfema seja associado a vários traços, o que seria comum nas línguas

⁴¹ Para Giorgi & Pianesi (1997), cabe a criança a tarefa de selecionar no inventário de traços possíveis aqueles que são relevantes para a sua língua. De acordo com os autores, não só essa possibilidade de selecionar traços a partir de um inventário, mas também a ordem de checagem dos traços selecionados pela criança seriam universais.

ditas flexionadas, como o italiano⁴², por exemplo. Os autores se referem às categorias obtidas por essas associações múltiplas de traços como categorias sincréticas e híbridas e afirmam que uma categoria dessa natureza deve projetar pelo menos um nó.

Apesar de assumir o Princípio de Divisão de Traços (*Feature Scattering Principle*), o qual define que o número máximo de nós é definido pelo número de traços selecionados no arranjo, ou seja, que cada traço pode nuclear uma projeção, os autores chamam atenção para o fato de que o número de projeções é definido em função de considerações de economia. A esse respeito, os autores retomam Chomsky (1995), para o qual é selecionada a menor derivação compatível com o arranjo inicial. Dessa maneira, a opção pelo desmembramento de traço ocorre apenas para projetar os itens contidos no arranjo. Isso significa que o desmembramento de traços não pode, por exemplo, ser assumido para dar conta de questões de movimento, isto é, para criar posições que possam licenciar um movimento.

Assim, os autores deixam muito claro que um feixe de traços associados a um único morfema pode ser projetado por mais de um núcleo apenas se uma posição de especificador (*Spec*) for requerida para alocar outros feixes de traços contidos no arranjo inicial.

No que diz respeito a Aspecto, os autores, revisitando o modelo de Reichenbach (1947), propõem a existência de uma categoria sincrética englobando Tempo e aspectualidade, conforme será visto a seguir.

Reichenbach (*op. cit.*) propôs uma teoria referente a Tempo baseada em três entidades temporais primitivas: *S*, o tempo da enunciação (*speech time*); *E*, o tempo do evento instanciado pelo predicado da sentença (*event time*); e *R*, o tempo de referência (*reference time*)⁴³.

⁴² Os autores apresentam como exemplo o morfema *-a* presente em “*bella*”, o qual expressa simultaneamente feminino e singular, constituindo um caso típico de categoria sincrética.

⁴³ Reichenbach (1947) trata os morfemas de tempo do inglês em função do modo como se relacionam cronologicamente três tempos ou momentos: o tempo da fala (ST), o tempo da realização da ação expressa pelo verbo (ET) e o tempo da referência (RT).

De acordo com Ilari (1997), esse modelo se aplica bem ao português. O autor nos apresenta as seguintes fórmulas:

Presente do Indicativo: ST = RT = ET

Pretérito Perfeito do Indicativo: ST ← RT = ET

Pretérito Imperfeito do Indicativo: ST ← RT = ET

Futuro do Presente do Indicativo: ST → RT = ET

Esse modelo proposto por Ilari (*op. cit.*) não nos permite distinguir o aspecto perfectivo do aspecto imperfectivo. Não era a proposta do autor tratar de aspecto e, sim, de tempo.

Muitos autores além de Giorgi e Pianesi (1997) revisitaram o modelo de Reichenbach (*op. cit.*). Hornstein (1990), por exemplo, dividiu a relação entre os três pontos mencionados em duas relações distintas entre si⁴⁴. De acordo com essa proposta, o tempo de referência (*R*) e o tempo da enunciação (*S*), por um lado, e o tempo do evento (*E*) e o tempo de referência (*R*), por outro, constituem-se como pares que definem sistemas distintos. Cabe ressaltar que para Hornstein (*op. cit.*) o tempo do evento (*E*) e o tempo da enunciação (*S*) nunca se relacionam diretamente, o que pode ocorrer graças à mediação do tempo de referência (*R*).

Os sistemas aos quais Hornstein (*op. cit.*) se referia são os sistemas temporal e aspectual. Nesse contexto, da relação entre o tempo da enunciação (*S*) e o tempo de referência (*R*) surgem as possíveis variações relativas a Tempo, ao passo que da relação entre o tempo do evento (*E*) e o tempo da referência (*R*) advinham as variações aspectuais, ou, mais especificamente, aquelas referentes a aspecto gramatical.

Dessa forma, se *S* precedesse *R*, estaríamos diante de um tempo futuro; se *R* precedesse *S*, teríamos tempo passado; e, se *S* coincidissem com *R*, teríamos tempo presente. Por outro lado, se *E* precedesse *R*, estaríamos diante de um aspecto perfectivo; se *R* precedesse *E*, teríamos aspecto prospectivo; e, se *E* coincidissem com *R*, teríamos aspecto neutro.

Valendo-se da proposta acima apresentada, o autor defende que os tempos existentes nas línguas sejam o resultado da composição desses dois grupos. O presente, por exemplo, seria o resultado da combinação de duas coincidências, a de *S* com *R* e a de *E* com *R*. As demais relações serão apresentadas abaixo.

(47) presente	$(S, R) \bullet (R, E) = S, R, E$
passado	$(R_S) \bullet (E, R) = E, R_S$
futuro	$(S_R) \bullet (R, E) = S_R, E$
presente perfeito	$(S, R) \bullet (E_R) = E_S, R$
futuro perfeito	$(S_R) \bullet (E_R)$
passado perfeito	$(R_S) \bullet (E_R) = E_R_S$
futuro no passado	$(R_S) \bullet (R_E)$

⁴⁴ Algo que já havia sido sugerido pelo próprio Reichenbach (1947) e delineado por Comrie (1985).

futuro próximo

$$(S, R) \bullet (R, E) = S, R, E$$

(apud Hornstein 1990, p.117)

Neste trabalho, interessam-nos diretamente as representações referentes ao passado, único tempo verbal no português que codifica a distinção aspectual perfectivo/imperfectivo. Aproveitamos as duas representações concernentes a passado acima para explicar os símbolos empregados. No primeiro caso (na representação de passado simples), o tempo de referência (R) precede o tempo de enunciação (S) e o tempo do evento (E) coincide com o tempo de referência (R). Os três tempos apareceram juntos após o sinal de igual porque a relação entre E e S pode ser inferida sem ambigüidade. No caso do passado perfeito, o tempo de referência (R) precede o tempo de enunciação (S) e o tempo do evento (E) precede o tempo de referência (R).

Para esclarecer as relações entre os tempos referidos quanto ao passado perfeito, tomemos o exemplo “O menino correu”. Nesse exemplo, a relação E, R, S pode ser explicada da seguinte forma: o evento de “correr” ocorre em primeiro lugar, um tempo de referência posterior é tomado em relação a esse evento, e, por último, ocorre a enunciação, a qual se estabelece em função do tempo de referência. De maneira mais simplificada, poderíamos dizer que, em primeiro lugar, o menino corre; em seguida, essa atividade é tomada como encerrada em função de um tempo de referência; e, por último, a sentença é enunciada.

As relações acima mencionadas não tratam explicitamente do passado imperfectivo. Por essa razão, acrescentaremos à proposta acima a descrição que Avran (2002), também baseada numa releitura de Reichenbach (1947), faz para o passado imperfectivo. De acordo com a autora, o aspecto perfectivo se apresenta nas situações em que o tempo do evento (E) precede o tempo de referência (R), ao passo que o aspecto imperfectivo ocorre nas situações em que E coincide com R . A relação proposta pode ser representada por E, R, S , que já aparece no esquema de Hornstein (*op. cit.*) para se referir a passado de maneira geral. Convém destacar que, ao propor tais relações para o aspecto imperfectivo, a autora não estava se centrando no tempo passado, mas fazendo uma previsão que se aplicasse, por exemplo, para o futuro também. No português, contudo, o

futuro não apresenta variação aspectual dessa natureza, estando a distinção perfectivo/imperfectivo restrita ao tempo passado.

Pensemos, agora, no exemplo “O menino rolava” à luz das relações propostas por Hornstein (*op. cit.*) e Avran (*op. cit.*). Nesse exemplo, a relação E,R,S pode ser explicada da seguinte forma: o evento de “correr” ocorre e um tempo de referência interno ao evento é tomado, em seguida ocorre a enunciação em função desse tempo de referência.

As relações entre S , R e E , ou, mais especificamente, entre S e R , por um lado, e R e E , por outro, são de grande utilidade para entender a oposição proposta por Comrie (1976) entre o “tempo externo da situação” e o “tempo interno da situação”. A esse respeito, a relação entre o tempo da enunciação (S) e o tempo de referência (R) – que se refere a Tempo – desconsidera o evento em si, sendo, portanto, externa à situação. De maneira oposta, a relação entre o tempo de referência (R) e o tempo de evento (E) – diz respeito a Aspecto – traça um ponto de referência em relação ao evento, sendo, pois, interna à situação⁴⁵.

Essas distinções acima apresentadas nos auxiliaram não só na concepção dos experimentos que serão apresentados, mas também na análise dos resultados obtidos, conforme se verá a seguir (cap. 5).

⁴⁵ Dentro das possibilidades de relação entre E e R , é possível tratar, ainda, da relação de aspecto imperfeito como se R fosse tomado internamente em relação a E , conforme visto.